

1

O QUE AS CRIANÇAS DE 5 ANOS PENSAM SOBRE A LINGUAGEM ESCRITA?

Maryelen Evilly Reis de Amorim²

Elizangela Gonzaga Rosa³

Adriana Alves Fausto Gama³

Eixo temático: 4. Alfabetização e infância

Resumo:

Neste artigo abordaremos a respeito do que as crianças de 5 anos pensam sobre a linguagem escrita, com enfoque na avaliação diagnóstica. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica e a análise qualitativa dos dados coletados em uma escola pública. Apresentaremos neste, o conceito de avaliação de modo geral e suas variações. Além de falar especificamente sobre a avaliação diagnóstica principalmente na educação infantil, suas contribuições para o planejamento, sua importância na forma de avaliar e sua prática pedagógica frente ao desafio de ensinar na coletividade com aprendizagens individuais. E com o propósito de ressaltar a importância da avaliação diagnóstica na prática docente recorreremos aos seguintes autores para fundamentar nossa pesquisa, Batista (2005), Ferreira e Teberosky (1999), BNCC, (2018), Luckesi (2018) e o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2012). Como resultado desta avaliação diagnóstica realizada com quinze crianças apresentaremos uma amostra de cinco dos dados coletados. Mostrando que é preciso construir práticas e concepções para a etapa da Educação Infantil.

Palavras-chaves: Avaliação diagnóstica. Planejamento. Educação infantil. Ensino e aprendizagem.

¹ Graduada em Pedagogia/Licenciatura UFMT Contato: maryelenamorimufmt@gmail.com

² Graduada em Pedagogia/Licenciatura UFMT Contato: elizangelarosa09@gmail.com

³ Graduada em Pedagogia/Licenciatura UFMT Contato: gamaadriana3107@gmail.com

Introdução

Visando um bom desempenho da prática docente com objetivo de alcançar resultados satisfatório é fundamental o planejamento, pois segundo Soligo (2022) “Ao planejar e replanejar o trabalho, é possível percorrer um caminho de elaboração teórica sobre a própria experiência e de produção de conhecimento pedagógico sobre a docência” (p.7). Nesse sentido fica evidente que uma das formas mais utilizadas pelos docentes para um bom planejamento é a avaliação diagnóstica para conhecimento e não para categorizar as crianças.

Contudo é importante ressaltar que avaliar é constitutivo do ser humano, é algo que fazemos naturalmente com o objetivo de compreender a realidade em que vivemos, tendo como base o senso comum. Porém no contexto educacional, a avaliação é sistematizada caracterizada como sendo uma ação que faz parte do planejamento das atividades com vista à aprendizagem dos alunos. Dessa forma para o Professor e Filósofo Luckesi:

O ato de avaliar, como qualquer outra prática investigativa, tem por objetivo exclusivamente revelar algo a respeito da realidade. No caso, revela cognitivamente a sua qualidade, cabendo ao gestor da ação, com base nessa revelação, tomar decisões, que, por si poderão - e deverão - trazer consequências positivas para os resultados desejados(LUCKESI, 2018, p.23).

Portanto é possível por meio da avaliação diagnóstica, averiguar as habilidades e competências que os alunos estão desenvolvendo. Desse modo, visando compreender o conhecimento das crianças sobre a linguagem escrita em uma escola pública, em parceria com o Programa de Residência Pedagógica do curso de pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) propôs a aplicação de uma avaliação diagnóstica na educação infantil na turma de cinco anos.

Desse modo descreveremos neste artigo a respeito do conceito de avaliação, os tipos de avaliação especificamente a avaliação diagnóstica. Nessa abrangendo aspectos sobre o seu objetivo, sua periodicidade, o porquê ela se aplica, além externar a respeito da avaliação diagnóstica na Educação Infantil.

Fundamentação teórica

Esse artigo está sustentado pelos aportes teóricos dos autores que discutem o tema da avaliação. São eles: Antônio Batista, Luckesi, Ana Teberoski, Emilia Ferreiro, além da Base Nacional Comum Curricular(BNCC). Esses que darão fundamentação ao: Conceito de

Avaliação, Tipos de Avaliação, Avaliação Diagnóstica, Avaliação Diagnóstica na Educação Infantil.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e a coleta de dados da avaliação diagnóstica infantil aplicada em uma escola pública. Com base nos estudos de Ferreiro e Teberosky sobre a Psicogênese da língua escrita, realizamos a aplicação da avaliação diagnóstica, onde observamos aspectos dos descritores elaborados pelas autoras. No primeiro momento reunimos a bibliografia de autores que discutem o tema na educação, no segundo momento foi a prática da aplicação das provas diagnósticas na escola e no terceiro momento realizamos a análise dos dados. Objetivando questões centrais e emergentes a serem discutidas para uma reflexão do que está posto e o que precisa ser aperfeiçoado na prática docente.

Avaliação Nesta Perspectiva

A avaliação de modo geral é uma forma de identificar os níveis de desenvolvimento de cada criança e a partir da tabulação dos resultados o professor terá as informações fundamentais a respeito das habilidades que os alunos dominam e as que estão em desenvolvimento. E com base nos resultados fazer as intervenções necessárias para alcançar os objetivos propostos. Assim como está estabelecido no Pacto Nacional de Alfabetização. Esse que nos diz que:

[...] uma ação didática consistente pressupõe necessariamente uma atividade diagnóstica para que o professor possa conhecer melhor os estudantes e reorganizar seu planejamento em função de suas necessidades. Essa atividade diagnóstica permite ao professor compreender o momento da aprendizagem do aluno, no início do processo avaliativo, que deve ser orientada pelos objetivos de aprendizagem previamente definidos, em função dos conhecimentos e habilidades que precisam ser construídos”(BRASIL,p.8,2012).

Frente ao desafio de ensinar, a função da avaliação não deve ser rotular os alunos, mas sim de compreender como ele está se apropriando da linguagem escrita. De acordo com Luckesi (2018,p.33) a avaliação assumindo essa forma classificativa não contribui de forma alguma para o crescimento e avanço dos alunos, muito pelo contrário. A avaliação segundo ele deve ser “um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão”. Dessa forma, a decisão deve ser uma ação que oriente o docente no seu planejamento de modo que inclua a todos.

A avaliação também pode ser categorizada como formativa, essa, que tem a função de acompanhar o desenvolvimento dos alunos ao longo do processo de ensino/aprendizado, e

por seu caráter qualitativo viabiliza o diálogo. Outra categoria é a avaliação somativa que possui uma abrangência maior pois permite à instituição escolar conhecer as turmas e seu desenvolvimento, ela também pode ser comparativa, que é bastante utilizada pela escola no intuito de comparar uma turma com a outra ou um período com o outro, não para qualificar os alunos, mas para observar o planejamento escolar com objetivo de verificar o que está sendo positivo e o que precisa aperfeiçoar.

Ela também pode ser categorizada como diagnóstica que tem a finalidade de conhecer o desenvolvimento dos alunos de maneira individual e coletiva, sendo assim ela deve ser aplicada antes do início das atividades para nortear o planejamento docente, durante as atividades como forma de monitorar o aprendizado e ao final para o relatório institucional.

E nessa compreensão Batista (2005, p.9) afirma que a avaliação diagnóstica feita pelo professor em sala de aula deve ser "o ponto de partida de um trabalho pedagógico autônomo, em que o professor controla o que ensina, para que ensina, o como ensina". Dessa forma a avaliação diagnóstica é um instrumento pedagógico que contribui com o planejamento docente e na organização dos procedimentos, devendo ser utilizada antes, durante e depois dos conteúdos trabalhados.

Afinal, porquê aplicar a avaliação diagnóstica?. Ela deve ser aplicada para indicar os caminhos que devem ser seguidos, visando a inclusão de todos os alunos e dada a sua importância ela sistematiza o trabalho docente e segundo Batista ela é:

um valioso instrumento para que o professor conheça a turma com que vai trabalhar, para saber de que pontos deve partir; que capacidades deve explorar; de que modo deve explorá-las, quer dizer, introduzindo, por exemplo, uma determinada capacidade, trabalhando-a sistematicamente ou retomando-a para consolidação(BATISTA, 2005, p.11).

A consolidação das vivências e saberes docente é a aprendizagem do aluno e com a necessidade de conhecer o indivíduo, a turma e a escola como um todo, a aplicação da diagnóstica é um aliado positivo no planejamento e na execução.E com a finalidade de analisar o processo de ensino/aprendizagem, a didática e conhecer quais habilidades os alunos dominam e propor intervenções pedagógicas necessárias ao desenvolvimento.E a periodicidade na aplicação das provas diagnósticas é indicada para o início do ano e para acompanhamento do ensino-aprendizagem.

Avaliação Diagnóstica na Educação Infantil

Partindo do pressuposto da teoria piagetiana o sujeito está no centro do processo da aprendizagem e não o método utilizado em questão, onde o ponto de partida de toda aprendizagem é o próprio sujeito e não o conteúdo a ser abordado, para Ferreiro:

“Em uma visão construtivista o que interessa é a lógica e não o erro: trata-se às vezes de ideias que não são erradas em si mesmas, mas aparecem como errôneas porque são sobre generalizadas, sendo pertinentes apenas em

alguns casos, ou de ideias que necessitam ser diferenciadas ou coordenadas, ou, às vezes, ideias que geram conflitos, que por sua vez desempenham papel de primeira importância na evolução. (1992, p.82)

Considerando que a avaliação diagnóstica, direciona a prática e o planejamento docente deve ser aplicada no início do processo de ensino aprendizagem, na educação infantil não é diferente é importante que o professor conheça os seus alunos, e seu aprendizado uma vez que não são uma tabula rasa e que esses vem para o ambiente escolar com algum conhecimento, construídos no seio familiar. Por isso ressaltamos a necessidade do professor ter um olhar mais amplo, levando em conta essas vivências, os saberes e as aprendizagens que adquiriram através dessas. Na BNCC (2018) diz que:

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. (BNCC,2018, p.44)

Ponderando essas informações e definindo as competências necessárias para essa faixa-etária, que de acordo com a BNCC (2018,p.8) é definida como sendo "a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho". O professor realizará o planejamento considerando essas novas informações.

Diante disso, as residentes do Programa de Residência Pedagógica do curso de pedagogia da UFMT, realizaram na escola-campo parceira do programa a aplicação da avaliação diagnóstica na educação infantil, com a finalidade de conhecer o desenvolvimento dos campos de experiências da BNCC. Essa escola-campo se trata de uma escola pública que fica localizada próxima a região central de Cuiabá. A turma avaliada é uma turma de cinco anos, onde percebemos claramente que mesmo estando na mesma faixa etária elas se desenvolvem em tempo diferentes.

Primeiramente é importante salientar que essa avaliação foi feita individualmente com cada criança, levando em conta todas as suas respostas como sendo expressões sobre as suas ideias a respeito da escrita.

Inicialmente apresentamos as consignas e solicitamos que escrevessem o próprio nome e logo após o nome de um colega que eles conheçam. Foi observado que as crianças sabiam escrever apenas o seu próprio nome de memória, tendo apenas um que conhecia algumas letras do próprio nome, porém não sabia como organizar. E outra que buscava nas letras índices que as representassem, ou seja, associava as letras do seu nome com algum objeto, como por exemplo a criança "P" que dizia que a letra P do seu nome era de "Pato", ou que letra O de seu nome corresponde a "Ovo". Em relação aos nomes dos colegas eles não

conseguiram escrever de forma convencional, com exceção apenas da criança "L", percebemos estar compreendendo o valor e a função da escrita, pois escreve além de seu nome, o nome do colega ao seu lado.

Na sequência foram apresentados diversos cartões com escritas diferentes, essas compostas por: letras, números, pseudoletas, imagens, palavras conhecidas e desconhecidas com 2 e 3 letras, palavras com mais de cinco letras, com letras de imprensa maiúscula, minúsculas e com letras cursivas maiúsculas e minúsculas. Solicitamos que elas separassem esses cartões em dois grupos, uma composta por aquelas que elas achavam que servia para ler e outra por aquelas que não serviam para ler, justificando sempre na sequência suas escolhas.

As respostas observadas é que 50% das crianças ao separar os cartões, os separaram em um monte as letras e imagens e em outro os números, justificando que " as letras servem para ler e os números são para contar e não para ler". Outros 50% separaram aleatoriamente separando as letras cursivas como não servindo para ler, pois não as reconheciam. Continuando o processo apresentamos cartões com nomes de algumas crianças da sala e perguntamos se reconheciam o próprio nome e que indicassem com o dedo. Todas identificaram seu próprio nome, algumas por conhecer algumas letras delas.

Logo em seguida expomos alguns cartões com figuras e palavras. As figuras eram de: gaiola, borboleta, elefante, árvore, espiga de milho, avião, novelo de lã. Já as palavras eram: passarinho, asa, tromba, pinheiro, espiga, brinquedo, lã. Solicitamos em seguida que eles fizessem as associações. Observamos que elas associaram aleatoriamente, com exceção apenas da criança "L" que conseguiu identificar os nomes das imagens se apoiando na inicial de cada uma das palavras.

Posteriormente apresentamos cartões que continham cenas e frases com o objetivo de observar em que eles se apoiavam para identificar o que estava escrito. As cenas continham: menino com regador, criança na beira do rio, menino e médico. As frases eram: O pato nada, João rega a planta, Luís pescou um peixe pequeno, o médico examina Ivo. Com base nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999,p.72) "as crianças esperam encontrar no texto o nome do objeto desenhado". Isso foi observado em todas as crianças, pois elas descreviam o texto apoiando-se nas imagens, sem considerar as letras que a compunham. Sendo assim, o texto é considerado como uma etiqueta do desenho segundo as autoras.

Em seguida apresentamos cartões com figuras e seus respectivos nomes para que elas leiam a imagem e seu nome. As figuras eram: Formiga, passarinho, onça, cobra. As palavras eram: formiga, passarinho, onça, cobra. Onde constatamos que eles leram as figuras aleatoriamente com qualquer outra palavra que não era correspondente à sua.

Logo após realizamos um ditado de algumas letras, na seguinte ordem: primeiros as vogais (A, E, I, O, U) e na sequência as consoantes (B, C, D, F, G, H, L, M, N, P, Q, R, S, T,

V, X, Z). Todos conseguiram escrever as vogais. Em relação às consoantes, eles reconheceram apenas a que correspondiam ao seus respectivos nomes. Como por exemplo, o aluno “B” reconhece as seguintes consoantes: B, N, D, R.

Com um jornal na mão, fizemos uma leitura silenciosa, marcando bem os gestos, posição, tempo de fixação do olhar e exploração do texto que requer toda a leitura. E fizemos a primeira pergunta. “Olhe bem e me diga o que estou fazendo?”. Todos responderam “lendo um jornal”. Ainda com o jornal, lemos o texto de uma literatura infantil, sem se deter em nenhuma página e voltamos a indagar, o que eu li agora?. Mesmo sabendo que não se tratava de uma notícia de jornal, todos eles não souberam identificar a que gênero pertencia a leitura realizada.

E depois do jornal com um livro de literatura infantil, lemos uma notícia jornalística. Observamos que eles se apoiaram muito no que viam não identificado o gênero lido. E depois com uma carta retirada de um envelope de carta, lemos um diálogo oral, e diante dessas ações observamos se a criança conseguia diferenciar os portadores de textos e suas mensagens, e constatamos que não.

Diante da aplicação da diagnóstica ponderamos os seguintes aspectos, mesmo a pesquisa sendo feito há uma década e as autoras Ferreiro e Teberosky (1999,p.43) enfatizando que mesmo “Que uma criança não saiba ainda ler, não é obstáculo para que tenha idéias bem precisas sobre as características que deve possuir um texto escrito para que permita um ato de leitura”. Ainda é possível encontrar professores que trabalham supondo que a criança nada sabe, iniciando o processo de forma tradicional com o ensino das vogais, seguida das consoantes. Frente às respostas das crianças compreendemos que ela tem um conhecimento muito maior do que o professor espera. A partir do momento que ele busca entender esse processo saberá intervir e contribuir de modo positivo para que essa criança tenha um processo evolutivo em sua aprendizagem.

Considerações Finais

Considerando a perspectiva epistemológica construtivista piagetiana de apreensão do conhecimento e a importância de refletir sobre a prática docente, a avaliação diagnóstica vem para subsidiar o planejamento do coletivo observando a singularidade de cada aluno visto que cada um tem um tempo para se desenvolver cognitivamente. Diante dos estudos da Soligo e a importância do planejamento na prática docente, e os estudos da psicogênese percebemos que para constituir um leitor é preciso entender o que as crianças de cinco anos pensam sobre a linguagem escrita. A ação de avaliar precisa ser reflexiva pois ao aplicar uma diagnóstica o professor também está se auto avaliando, e diante do resultado ele tem autonomia de rever seu planejamento.

Diante das avaliações diagnósticas aplicadas observando os descritores da psicogênese e a BNCC podemos considerar que o desenvolvimento cognitivo individual e social que cada aluno desenvolve em um tempo diferente, justifica a importância das diagnósticas antes, durante e ao final de um ciclo. O ensino/aprendizagem sempre foi um desafio docente frente a individualidade num coletivo que precisa ser observado em um planejamento com resultados positivos a aprendizagem.

REFERÊNCIAS:

BATISTA, Antônio Augusto Gomes et al. **Avaliação diagnóstica da alfabetização**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. p.88.(Coleção Instrumentos da Alfabetização; 3).

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018

BRASIL. Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa- **Avaliação no Ciclo de Alfabetização: Reflexões e Sugestões**. Brasília, 2012.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela - São Paulo-SP: Cortez, 1992.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LUCKESI, C. C. **O ato de avaliar: epistemologia e método**. Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas. São Paulo: Cortez, 2018.

SOLIGO, Rosaura. **Considerações sobre o planejamento da rotina na prática pedagógica**. Disponível em: <https://rosaurasoligositeoficial.files.wordpress.com/2022/03/rosaura-soligo-consideracoes-sobre-o-planejamento-da-rotina.pdf> . Acesso em: 20 de abr. 2023.